

Homens e mulheres devem se aposentar com a mesma idade?

(Época, 03/02/2016) A senadora Vanessa Grazziotin, do PCdoB do Amazonas, diz que a aposentadoria antecipada é uma forma de o Estado reconhecer as jornadas de trabalho que as mulheres cumprem sem receber qualquer remuneração

ÉPOCA - Por que as mulheres devem continuar a se aposentar antes dos homens?

Vanessa Grazziotin - A aposentadoria antecipada das mulheres é uma forma de compensar um trabalho que o Estado não reconhece nem remunera. Recai sobre a mulher, quase com exclusividade, a manutenção da própria espécie. A mulher desempenha quase sozinha tarefas que deveriam ser do Estado e não são. Por isso nossa jornada é diminuída. Poderia ser reduzida ainda mais. É muito pouco, se você pensar que muitas mulheres trabalham em três turnos. Elas trabalham fora de casa, dentro de casa e ainda cuidam das crianças. Quase com exclusividade. Apesar de tudo isso, ainda ganham em média 30% a menos. Ainda deixam de ascender no mercado de trabalho.

Leia mais: [Governo planeja unificar idade para aposentadorias de homem e mulher \(Folha de S. Paulo, 02/02/2016\)](#)

ÉPOCA - Reformas previdenciárias miram o futuro. No futuro, a divisão de tarefas não tende a ser mais igualitária entre homens e mulheres?

Vanessa - Quando a desigualdade começar a se desfazer, poderemos conversar sobre isso. Ou quando a gente conseguir o reconhecimento do papel da dona de casa. Temos o reconhecimento da empregada doméstica, mas não da dona de casa. Ninguém paga aposentadoria para ela. Não vejo isso como algo imutável, mas acho que ainda não é hora de debater a questão. A mudança na aposentadoria das mulheres teria efeito prático a longo prazo, daqui a 30 anos. Para agora, não haverá impacto nenhum. Não é disso que o Brasil precisa. Precisamos gastar energia em medidas para

enfrentar a crise agora. Entendo que esse tipo de proposta afasta do governo sua principal base de apoio, a base de trabalhadores e mulheres.

ÉPOCA - Quando seria a hora adequada para discutir?

Vanessa - Quando o Brasil deixar de ser um dos países com piores indicativos de igualdade de gêneros. Estamos entre os últimos países em respeito à mulher na política. Estamos entre os primeiros países em violência contra a mulher. A nossa sociedade é uma das que mais discrimina o papel social da mulher. Somos o maior parte do eleitorado, temos melhor escolaridade mas ocupamos apenas 10% das cadeiras do parlamento. Não temos espaço e reconhecimento na sociedade brasileira. É assim na política. As empresas têm mulheres na linha de produção, mas quase nenhuma na diretoria.

ÉPOCA - Ao se aposentar antes e viver por mais tempo, as mulheres custam mais à Previdência que os homens. Igualar a aposentadoria não tornaria os gastos por gênero mais igualitários?

Vanessa - A mulher contribui muito mais, ao desempenhar como mãe o papel que deveria ser da própria Previdência. Alguma compensação a gente tem que ter. A compensação mínima é se aposentar antes dos homens. Acho que nós somos as mais interessadas em igualar aposentadoria. Não vejo problema nenhum em igualar. Mas temos que igualar todo o resto antes: a participação na política, o valor dos salários, a divisão de tarefas...

ÉPOCA - Parecem claras as desigualdades entre homens e mulheres ao longo da vida. Por que a aposentadoria seria a melhor ferramenta para compensar essas desigualdades? Principal injustiçada, a dona de casa sequer receber aposentadoria.

Vanessa - É preciso buscar igualdade com todas as ferramentas que estiverem ao nosso alcance. Todas. Não tem nada de inadequado. Temos que discutir novas formas de compensar a injustiça, em vez de retirar algo duramente conquistado ao longo de décadas. Devemos igualar os direitos da mulher, em vez de começar por igualar as obrigações.

Marcelo Moura

Acesse no site de origem: [Homens e mulheres devem se aposentar com a](#)

6 de dezembro: homens unidos pelo fim da violência contra mulheres

(Agência Patrícia Galvão, 05/12/2014) Envolver os homens no enfrentamento à violência contra as mulheres e promover a igualdade de gênero são desafios colocados pela campanha [HeForShe](#), da ONU Mulheres, e lembrado há mais de duas décadas pela [Campanha do Laço Branco](#). A mobilização internacional ocorre no dia 6 de dezembro e integra as ações dos [16 Dias de Ativismo pelo fim da violência contra as mulheres](#).

[easyrotator]erc_13_1417729648[/easyrotator]

No Brasil, as primeiras iniciativas da Campanha foram realizadas em 1999 pelo Instituto Papai, em Recife, e pelo Promundo, em Brasília. Responsável pela organização da Campanha do Laço Branco em São Paulo junto com a Ecos - Comunicação em Sexualidade, o filósofo Sérgio Barbosa explica que, além das atividades do dia 6 de dezembro, a Campanha desenvolve ações de conscientização em fábricas, empresas e instituições públicas, por meio de palestras, intervenções e ações preventivas que buscam mostrar como é possível resolver conflitos sem o uso da violência.

“O homem precisa, primeiramente, reconhecer a violência de gênero como um problema enraizado em nossa sociedade e como uma forma real de agressão, seja física ou moral, e a partir daí denunciar e mudar seus hábitos para evitar a propagação de uma cultura de violência”, completa o filósofo, que coordena o serviço de responsabilização para homens autores de violência do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde. Desenvolver ações nesse sentido nem sempre é fácil, pois os recursos disponíveis para as

atividades são poucos. “Os órgãos públicos ainda investem muito pouco na Campanha em seu âmbito de ações preventivas de longo prazo”, lamenta.

Segundo Sérgio, a Campanha é voltada, em princípio, para homens não agressores e tem a intenção de incentivar esses homens a denunciar quando se depararem com uma situação de violência contra a mulher. “A Campanha é justamente para reforçar o lado positivo. Não é só para lembrar o massacre no Canadá, mas também para lembrar o que temos no Brasil: uma visão positiva de outros homens que não cometem violência contra a mulher e possam ser exemplos de uma sociedade mais equitativa, justa e honesta”.

Projeto promove educação de gênero para homens

No interior de São Paulo, no município de São José dos Campos, o projeto Mil Homens pela Paz foi criado em agosto, no aniversário da Lei Maria da Penha, com o intuito de envolver os homens no trabalho de conscientização sobre o tema. A diretora da Coordenadoria Especial de Políticas para Mulheres da Secretaria de Promoção da Cidadania da Prefeitura, Marcela de Andrade, lembra que, durante uma ação para mulheres em uma cooperativa de reciclagem, deparou-se com o questionamento de um grupo de homens sobre a ausência de ações específicas para o público masculino e decidiu desenvolver o trabalho.

“O objetivo do projeto é criar um ambiente para que os homens, não só os agressores, reflitam sobre essa realidade. Alguns ainda associam a violência apenas à agressão física ou não entendem o ciclo vivido pela mulher, que está envolvida emocionalmente com o agressor. Temos trabalhado isso e percebemos que conseguimos deixá-los bastante pensativos e reflexivos sobre o tema”, explica Marcela.

O projeto faz parte das ações da [Campanha Compromisso e Atitude pela Lei Maria da Penha](#) e prevê um ciclo de dez palestras para sensibilizar mil homens para as questões de gênero. No decorrer das ações foi formado o Comitê Laço Branco, que conta com representantes da sociedade civil e tem o apoio e participação da Defensoria Pública de São José dos Campos para pensar na mobilização do dia 6 de dezembro e criar uma agenda de atividades para dar continuidade ao trabalho de conscientização e prevenção

da violência contra as mulheres ao longo de 2015.

Segundo o defensor Júlio Camargo Azevedo, que atua na Vara de Violência Doméstica do município, o intuito do trabalho é retirar o estigma de que o enfrentamento deva ser feito apenas pelas mulheres. Para isso, a agenda prevê a realização de cursos sobre a cultura de gênero. “Sabemos que o preconceito e a discriminação vêm de uma construção cultural e para combater isso é preciso ter ações estratégicas que contribuam para plantar uma semente de conscientização nos homens para a questão de gênero”.

Parlamentares mobilizam-se pelo fim da violência

O cartão vermelho é o símbolo adotado pela Frente Parlamentar de Homens pelo Fim da Violência contra as Mulheres da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, uma iniciativa inédita criada em 2011 com o objetivo de promover a reflexão dos gaúchos e dar um basta à cultura de violência presente na sociedade.

Coordenada pelo deputado Edegar Pretto (PT-RS), a Frente conta com um grupo de trabalho composto por parlamentares e representantes da Defensoria Pública, Ministério Público, Tribunal de Justiça, universidades, Secretarias Estaduais e movimentos sociais, que se reúnem a cada dois meses para avaliar o trabalho desenvolvido e propor novas ações, como o Encontro Gaúcho de Homens pelo Fim da Violência contra as Mulheres, com a participação de atletas, artistas, ativistas e lideranças políticas. Em 2012, cerca de cem gaúchos cavalgaram pelas ruas de Porto Alegre para chamar atenção para a causa. Na 4ª edição do Encontro, neste 6 de dezembro, [o trajeto será feito de bicicleta, da Praça Zumbi dos Palmares até o Gasômetro](#). Em parceria com a Federação Gaúcha de Futebol, a Frente também tem desenvolvido ações de conscientização nos estádios de futebol ao final dos campeonatos.

“Aqui no Rio Grande do Sul essa cultura machista é muito forte e não é à toa que ela existe. Ela vem dos ensinamentos de homens e mulheres de que o homem é o forte, de que não fica triste. Aos poucos estamos tentando mudar essa mentalidade. E há muita simpatia dos homens para essa luta”, ressalta o deputado.

Outro trabalho da Frente foi a organização do Relatório Lilás, publicado pela Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do RS em 2013, com estatísticas de diversas secretarias estaduais sobre a violência contra a mulher e reflexões sobre feminicídio, violência de gênero e Lei Maria da Penha. O intuito é atualizar os dados do documento anualmente para servir como fonte para a implementação de políticas públicas de enfrentamento ao problema.

As ações inspiraram a criação no Estado da Rede de Frentes Parlamentares pelo Fim da Violência contra as Mulheres. Atualmente, 53 municípios gaúchos contam com Frentes Parlamentares que fazem o mesmo trabalho no âmbito municipal. Em nível nacional, neste ano foi criado o Movimento Nacional dos Parlamentares Homens pelo Fim da Violência contra as Mulheres, coordenado pelo deputado Edegar, com o intuito de criar Frentes por todo o Brasil. Até o momento, foi criada uma Frente em Santa Catarina e outros seis Estados manifestaram interesse pela ação.

Além da ampliação para todo o território nacional, o objetivo para 2015 é incluir o debate sobre a violência contra a mulher e a Lei Maria da Penha no currículo das escolas. “Tem que haver um momento em que os professores possam falar sobre esse assunto. Se nós não interviermos na educação das crianças, a menina que vê a mãe ser violentada em casa tem um grande possibilidade de ser uma mulher submissa e o guri que vê o pai batendo na mãe pode se tornar um homem agressivo”, afirma o deputado.

Como surgiu a Campanha do Laço Branco

A Campanha do Laço Branco surgiu no Canadá após o assassinato de mulheres que ficou mundialmente conhecido como o Massacre de Montreal. Em 6 de dezembro de 1989, um jovem armado invadiu uma sala de aula na Escola Politécnica de Montreal ordenando que todos os homens saíssem e ficassem apenas as mulheres; em seguida ele matou 14 mulheres e feriu outras 14 e logo depois se matou. No bilhete encontrado no corpo do assassino ele explicava que queria “acabar com as feministas que destruíram sua vida”. Na carta havia ainda o nome de 19 mulheres feministas que ele pretendia matar.

O crime mobilizou a opinião pública canadense, gerando amplo debate sobre as desigualdades entre homens e mulheres e a violência gerada por esse desequilíbrio social. Foi assim que um grupo de homens lançou a Campanha do Laço Branco em 1991 com a intenção de mostrar que, apesar de existirem homens violentos e agressores, existem também homens que repudiam tais atos de violência contra a mulher. Eles elegeram o laço branco como símbolo e adotaram como lema: jamais cometer um ato violento contra as mulheres e não fechar os olhos frente a essa violência.

Conheça a Campanha da ONU #HeForShe

Idealizada pela ONU Mulheres, a Campanha [#HeForShe](#) foi lançada este ano para estimular o engajamento de homens pela igualdade de gênero e fim da violência contra a mulher. Durante o lançamento da Campanha em Nova York, a atriz britânica Emma Watson, embaixadora da Boa Vontade da ONU Mulheres, defendeu que “é hora de começar a ver gênero como um espectro ao invés de dois conjuntos de ideais opostos”. Para o secretário geral da ONU, Ban Ki-moon, “violência contra a mulher é um problema global e deve ser combatido por homens e mulheres em conjunto”.

A Campanha já conta com quase 200 mil adesões em seu site, que disponibiliza um mapa atualizado em tempo real para monitorar a participação dos homens. No Brasil, o número de adesões chega a quase 4 mil. Durante a Copa do Mundo mais de 400 torcedores cederam suas imagens para divulgação da mensagem #HeForShe. Os apoios vieram de homens e meninos de 22 países.

Contatos:



Dep. Edegar Preto - Coordenador da Frente Parlamentar dos Homens pelo Fim da violência contra as mulheres

E-mail: edegar.preto@alrs.gov.br

(51)3210-2450



Marcela de Andrade - Diretora da Coordenadoria Especial de Políticas para Mulheres da Secretaria de Promoção da Cidadania da Prefeitura de São José dos Campos

(12) 3932-8629



Sergio Barbosa - Coordenador da Campanha do Laço Branco em São Paulo pelo Coletivo feminista

E-mail: sergiofbarbosa@uol.com.br

(11) 3812-8681

Lançamento de livro e videodocumentário “Mulheres e Homens pela Paz e contra o Tráfico de Mulheres e a

Violência Sexual” - São Paulo, 24/11/2014

Acontece em São Paulo no próximo dia de novembro, segunda-feira, Painel Público para lançamento do livro e documentário “Mulheres e Homens pela Paz e contra o Tráfico de Mulheres e a Violência Sexual”.

O evento ocorre no centro de São Paulo na Av. São Luís, 234, das 19:00 às 22:00 e deve contar com presença de autoridades e lideranças das cinco regiões brasileiras.



[Clique aqui e acesse o PDF do livro.](#)